

# A IMAGINAÇÃO SIMBÓLICA NA OBRA DE GILBERT DURAND

**Wanderley Martins da CUNHA**

Mestrando em Filosofia da PUCCAMP/CNPq

## RESUMO

O presente artigo expõe, sinteticamente, a teoria de Gilbert Durand sobre a imaginação simbólica, abordando a noção de símbolo e a perspectiva histórico-crítica de tendências hermenêuticas recentes. Aponta, inicialmente, o autor as contribuições de Freud, de Lévi-Strauss, de Jung, de Bachelard para a hermenêutica do símbolo. Passa, então, a examinar a teoria geral do imaginário de Durand, afirmando a presença da estruturação simbólica na raiz de todo e qualquer pensamento e devolvendo à imagem dignidade ontológica e gnoseológica. Segundo o autor, Durand constrói, dessa forma, uma filosofia do imaginário que o próprio Durand denomina "fantástica transcendental".

## RÉSUMÉ

Cet article présente la théorie de Gilbert Durand sur l'imagination symbolique en étudiant la notion de symbole et la perspective historique-critique des tendances herméneutiques récentes. L'auteur décrit, initialement, la signification que Durand attribue au symbole, montre les contributions de Freud, de Lévi-Strauss, de Jung, de Bachelard à l'herméneutique du symbole et examine la théorie générale de l'imaginaire de Durand en affirmant la présence de la structure symbolique dans la racine de toute pensée et en restituant à l'image la dignité ontologique et gnoseologique. Selon l'auteur, Durand construit ainsi une

philosophie de l'imaginaire qu'il nomme "fantastique transcendente".

## INTRODUÇÃO

Gilbert Durand, nascido na França em 1921, é professor de Sociologia e Antropologia Cultural na Universidade de Grenoble II. Discípulo de Bachelard, procurou completar antropologicamente a investigação inaugurada pelo filósofo do não em **A Psicanálise do Fogo**. À luz da Escola de Eranos (co-fundada por Jung), Durand elabora uma hermenêutica simbólica, na qual adota uma atitude mitologista: a linguagem mítica é apresentada por ele como o solo nutrício das demais. O pensamento durandiano vai matriciar a Escola de Grenoble, constituída em torno do domínio pluridisciplinar do imaginário, estando seus membros, de algum modo, ligados ao CRI (Centre de Recherche sur l'Imaginaire).

Há um crescente interesse despertado pela obra de Durand na Europa e no Brasil. As categorias durandianas têm sido utilizados em teses de mestrado e doutorado na Universidade de São Paulo. Na nossa opinião, mediante o que acabamos de afirmar, faz-se necessário uma compreensão melhor da obra de Durand, um exame sistemático de seus textos sobre a imaginação e sobre as estruturas antropológicas do imaginário. Com certeza, pela amplitude e originalidade de seus enfoques, Gilbert Durand tornou-se referência obrigatória aos estudiosos interessados na hermenêutica, sobretudo, na hermenêutica de expressão francesa.

Procuraremos, neste trabalho, fazer uma apresentação sumária da teoria durandiana acerca da imaginação simbólica. Inicialmente, abordaremos a noção de símbolo e a perspectiva histórico-crítica de tendências hermenêuticas recentes que Durand nos oferece. Seguindo, apresentaremos a sua teoria geral do imaginário e examinaremos, logo após, a fantástica transcendental proposta por nosso autor. Terminaremos analisando a metodologia que Durand elaborou a partir de sua visão teórica.

## I - OBSERVAÇÕES FUNDAMENTAIS

Para uma melhor compreensão da obra de G. Durand, faz-se necessário que entendamos, inicialmente, a sua noção de símbolo e o horizonte teórico a partir do qual surge a abordagem durandiana da imaginação simbólica.

Durand vê o símbolo enquanto “signo que remete a um indizível significado, sendo assim obrigado a encarnar concretamente essa adequação que lhe escapa, pelo jogo das redundâncias míticas, rituais, iconográficas que corrigem e completam inesgotavelmente a inadequação”.<sup>1</sup> Podemos salientar, a partir dessa definição, que o símbolo se nos apresenta como pertencente à categoria do signo, situa-se no interior do modo indireto da representação do mundo pela consciência. Todavia, o símbolo refere-se a “um signo eternamente privado do significado”<sup>2</sup>, ou seja, ele não está vinculado a uma coisa, mas a um sentido: evoca algo ausente ou impossível de ser percebido. Por conseguinte, a área predileta do simbolismo será o não-sensível (metafísico, inconsciente, sobrenatural...). O símbolo, recondução do sensível, do figurado a um sentido inacessível, vai tornar-se epifania, manifestação do indizível, pelo e no significante. “O símbolo é, portanto, uma representação que faz aparecer um sentido secreto; ele é a epifania de um mistério.”<sup>3</sup> Pelo que ficou dito, vamos encontrar, entre as duas partes constitutivas do símbolo (*sinn-bild*), uma heterogeneidade radical: instaura-se entre o significante e o significado uma dialética, uma tensão criadora inesgotável. Vai ser através do poder de repetição (redundância) que o símbolo vai superar essa sua inadequação fundamental, atingindo uma certa coerência entre a imagem e o sentido.

A dualidade (bipolaridade) presente no símbolo (*sinn-bild*) vai perpassar todo o âmbito da simbólica e vai ser a base para um amplo sistema de classificação dos símbolos proposto por Durand, conforme veremos mais adiante.

Um outro elemento que deve ser explicitado para um melhor entendimento da obra de Durand é o horizonte teórico no qual desponta seu pensamento.

Em **A imaginação simbólica**, Gilbert Durand nos oferece uma excelente perspectiva histórico-crítica acerca das tendências hermenêuticas mais recentes. Ele inicia seu estudo analisando o iconoclasmo que permeia todo o pensamento ocidental. O pensamento simbólico, nos moldes acima apresentados, enfrentará, ao longo da história, muitas oposições. Nosso autor vai apresentar as três etapas sucessivas do triunfo da explicação positivista (o dogmatismo teológico que não admite a liberdade de inspiração da imaginação simbólica; o conceptualismo aristotélico (averroísmo) e suas prolongações ockhamista e a semiologia positivista oriunda do cartesianismo) como os três estágios da gradativa extinção simbólica, da extinção do poder humano de relacionar-se com a transcendência.<sup>4</sup>

A nossa época redescobriu a importância das imagens simbólicas, devido à contribuição da psicanálise e da psicologia social que romperam com vários séculos de repressão e repúdio do imaginário. Todavia, “essas doutrinas só descobrem a imaginação simbólica para tentar integrá-la na sistemática intelectualista estabelecida, apenas para tentar reduzir a simbolização a um simbolizado sem mistério”.<sup>5</sup> A psicanálise freudiana, o funcionalismo de Dumézil e o estruturalismo de Levi-Straus, reduzindo o símbolo a um signo, vão ser colocados, por nosso autor, no quadro das hermenêuticas redutoras.

O criticismo de E. Cassirer teve o mérito de orientar a filosofia para o interesse simbólico. Mas, realmente, vão ser as pesquisas jungianas que são restaurar o símbolo em sua dignidade criadora não-patológica. Sinteticamente, podemos dizer que Jung redescobre o caráter multifoco do símbolo: ele não se reduz a uma única coisa, mas remete a um ‘sentido espiritual’, a um ‘sistema de virtualidades’ (arquetipo). Para o autor suíço, a simbolização é ‘conjuntio’, unificação de pares opostos, é o elemento constitutivo do processo de individuação. Segundo Durand, encontramos, em Jung, uma concepção muito ampla da imaginação: ressaltando a função sintética do símbolo, Jung confunde a consciência simbólica criadora da arte e da religião, com aquela que produz as aberrações mentais.

Será Gaston Bachelard quem vai, na opinião de nosso autor, demarcar o bom e o mau uso dos símbolos. Para o filósofo do

“não” existem três setores, nos quais a utilização dos símbolos é bem diferente. No campo da ciência objetiva, o símbolo deve ser proscrito. O conceito tem melhor funcionamento quando livre de qualquer imagem de fundo. No setor dos sonhos, o símbolo se reduz a uma sintomática. No âmbito da expressão poética, deve-se explorar o poder de sugestão das imagens simbólicas.

Bachelard, adotando uma atitude desconfiada frente às pretensões absolutistas da ciência, vai tentar, ao longo de seu itinerário intelectual, uma ampliação dos horizontes da razão ocidental. Sua investigação vai então desembocar no estudo da criação poética, que se expressa através de palavras e metáforas, e no estudo dos devaneios. Para ele, o espírito científico e o espírito poético são os dois pólos da vida psíquica, mas considera o setor poético como precursor e reitor dos descobrimentos científicos.

Bachelard tem o mérito de propor o estudo do imaginário a partir do próprio imaginário; “La imagem sólo puede ser estudiada por la imagen, soñando imágenes tal como se componen en la ensoñación”.<sup>6</sup> Semelhante proposta vai exigir uma metodologia apropriada: a fenomenologia dinâmica, que, ultrapassando todos os obstáculos do compromisso biográfico do autor ou do leitor, visa colher o símbolo em carne e osso.

As contribuições de Jung e Bachelard vão enquadrar-se no âmbito das hermenêuticas instauradoras, aquelas que amplificam o símbolo, ao contrário das hermenêuticas redutoras que consideram o simbólico mais como um epifenômeno.

Paul Ricouer, segundo Durand, examinando a dupla polaridade das hermenêuticas (uma arqueológica e desmistificadora, outra escatológica e remitizadora) vai propor que não se deve rejeitar nenhum desses métodos de interpretação antagônicos. Ao contrário, para ele, deve-se pensar essas hermenêuticas opostas como um pluralismo coerente, pois, como afirmamos mais acima, há um antagonismo coerente na estrutura do próprio símbolo (*sinn-bild*).

Na execução de seu projeto de pesquisas sobre a imaginação simbólica, Durand, seguindo a linha de pesquisa bachelardiana e servindo-se das obras poéticas de seu mestre, vai,

através de uma ampliação reinterpretativa, propor a integração e compreensão da totalidade do universo do discurso humano: "... podemos nos interrogar mais uma vez, sem pegar a herança decisiva do filósofo do devaneio poético, sobre a totalidade do imaginário e dar acesso, na experiência da consciência, não só à poesia mas também aos velhos mitos, aos ritos que as religiões, as magias e as neuroses plagiam."<sup>7</sup>

Além de se fundamentar na proposta bachelardiana, o pensamento de Durand vai embasar-se também nas contribuições da escola de Eranos. Fundada em 1933 por Jung, a Escola de Eranos é o ponto de convergência de profundas investigações interdisciplinares no campo das ciências humanas. O círculo de Eranos se caracteriza por um conhecimento científico-gnóstico, buscando "la captación del sentido, el cual emerge no ya en el puro logos, en la reflexión racional y objetiva, sino en el nivel mas primario del mito, de la experiencia vivida y sentida (consentida)".<sup>8</sup> O símbolo será, então, o único meio através do qual o sentido pode manifestar-se. Durand receberá da Escola de Eranos o legado de uma hermenêutica do sentido, de uma hermenêutica simbólica, fundada na tradição hermesiana que se caracteriza por uma visão co-implicadora dos contrários, rompendo com a separação dualista entre homem e cosmo, sagrado e profano, etc. As contribuições de Eranos vão definir a "vertente arquetipal" da Escola de Grenoble matriciada por Durand.

Assinalamos, embora de passagem, que o projeto subjacente à hermenêutica simbólica elaborada por Durand é a 'Bezauberung', 'reencantamento do mundo', 'remitização', redescoberta do sagrado sob o profano, portanto, uma 'desmistificação às avessas'.

Cumpramos, finalmente, que a obra de Durand só pôde ser implementada devido a uma concepção simbólica de linguagem: "El proyecto de Durand va a consistir en la interpretación del lenguaje según el **modelo del símbolo** (...) Bajo esta concepción simbólica, el lenguaje revela una virtualidad no meramente **gnoseológica**, sino también propiamente **ontológica**: el acceso del sentido a la **configuración** lingüística representa um tránsito a la existência, una **encarnación epifânica**."<sup>9</sup> A concepção simbólica de

linguagem contrapõe-se radicalmente ao enfoque linguístico semiótico. Em "Estructuras y Metalenguajes",<sup>10</sup> G. Durand nos oferece um exame crítico dos postulados de base da lingüística estrutural: 1) comunicação absoluta, homogeneização superficial e binarismo digital), contrapondo-os aos postulados de uso semântico e relativização do sentido, abertura em profundidade e polivalência analógica.

Os postulados que Durand propõe para uma nova lingüística vão fazer surgir uma nova concepção de estrutura, despojada de todos os caracteres dos estruturalismo formal (estrutura fechada, estática e vazia); a noção de estrutura que Durand defende refere-se mais a "un sistema de tensión antagonista (...) pero la energética del sistema se saca de otro sitio..."<sup>11</sup> A noção de estrutura torna-se transformacional, dinâmica, aberta ao conteúdo vivido, ao semantismo simbólico-arquetípico. Transforma-se, enfim, numa estrutura figurativa que explicita um sentido, que por própria natureza, se lhe escapa.

## 2 - TEORIA GERAL DO IMAGINÁRIO

Tendo apresentado as coordenadas intelectuais dentro das quais se situa o pensamento de Durand, sua noção de símbolo, a sua perspectiva histórico-crítica das tendências hermenêuticas e a sua crítica ao enfoque estruturalista de linguagem, podemos examinar, neste segundo momento de nosso texto, a teoria geral do imaginário durandiana.

Gilbert Durand procurou, dentro de seu projeto de pesquisas sobre a imaginação simbólica, elaborar uma teoria geral do imaginário que deveria abordar as profundas motivações das elaborações imaginárias, as suas estruturas, funções.

O pensamento ocidental relegou à imaginação o papel de "louca da casa", "fautora de erros e falsidades". Há uma desvalorização ontológica da imagem e uma desqualificação psicológica da função da imaginação. Analisando as teorias de Sartre, Bergson, Bentrano e Husserl acerca da imaginação, Durand vai apontar como equívoco dos mesmos, o não considerar a imagem como símbolo, provocando, dessa forma, a esterilização da fecundidade do imaginário.<sup>12</sup> Ao

contrário desses pensadores intelectualistas, nosso autor vai assumir a postura de outros estudiosos (Jung, Piaget e Bachelard) que consideraram em suas teorias o caráter simbólico das imagens: “é (...) na perspectiva simbólica que nos quisemos colocar para estudar os arquétipos fundamentais da imaginação humana”.<sup>13</sup> De forma mais específica, Durand fará suas as intuições que sustentam a concepção geral do simbolismo em Bachelard: “a imaginação é dinamismo organizador e esse dinamismo organizador é fator de homogeneidade na representação.”<sup>14</sup>

Dessas duas intuições, depreende-se a afirmação da anterioridade cronológica e ontológica do simbolismo sobre toda significância individual, isto é, a afirmação da presença da estruturação simbólica na raiz de todo e qualquer pensamento; e a inversão do hábito de se estudar a imaginação à luz do pensamento lógico: “la imagem sólo puede ser estudiada por la imagen...”<sup>15</sup>, lembra-nos Bachelard. Enfim, o projeto durandiano, ao contrário da doutrina clássica ocidental, visa devolver à imaginação a dignidade ontológica e gnoseológica.

## 2.1 - As motivações das elaborações imaginárias

Um dos objetivos da teoria geral do imaginário durandiano é examinar as motivações simbólicas. Ao abordar essa importante questão, Durand afirma que: “todas as motivações, tanto sociológicas como psicanalíticas, propostas para fazer compreender as estruturas ou a gênese do simbolismo pecam muitas vezes por uma secreta estreiteza metafísica: umas porque querem reduzir o processo motivador a um sistema de elementos exteriores à consciência e exclusivos das pulsões, os outros porque se atêm exclusivamente a pulsões ou, o que é pior, ao mecanismo redutor da censura e ao seu produto - o recalçamento.”<sup>16</sup> Para nosso autor, se queremos “estudar inconcreto o simbolismo imaginário”,<sup>17</sup> evitando o reducionismo psicológico ou sociológico, devemos nos colocar dentro do chamado Trajeto Antropológico<sup>18</sup> (trocas existentes ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e as intimações objetivas oriundas do meio social). Ou seja, há no seio de cada indivíduo/cultura uma dialética

entre as tendências instintivas e as coerções sociais/ambientais que vão se interrelacionar mediante esquemas, arquétipos e símbolos.

Apoiando-se na existência de um Trajeto Antropológico, a postura durandiana vai exigir uma metodologia apropriada que demarque os principais eixos de tal trajeto. Utilizando um método de convergência que tende a apresentar vastas constelações estruturadas por um certo isomorfismo dos símbolos convergentes e buscando uma classificação que integre todas as constelações que forem encontradas, Durand - apoiando-se na reflexologia Detcheriviana vai colocar em três dominantes reflexas (postural, digestiva e copulativa) as matrizes sensório-motoras nas quais as representações vão integrar-se. É a este nível que os grandes símbolos, por uma dupla motivação, vão se formar.

## 2.2 - As estruturas antropológicas do imaginário

Considerando que os conjuntos simbólicos convergem em torno de núcleos organizadores, que os símbolos constelam porque são variações sobre um arquétipo, faz-se necessário estabelecer uma arquetipologia que capte, em todas as manifestações humanas da imaginação, os aspectos invariantes do Trajeto Antropológico. Assim sendo, G. Durand, em suas pesquisas sobre a imaginação, procurou analisar quais seriam as estruturas do imaginário, entendendo-as como "protocolos normativos das representações imaginárias, bem definidos e relativamente estáveis, agrupados em torno dos esquemas originais".<sup>19</sup> Em outros termos, elaborando uma arquetipologia geral como parte de sua teoria sobre a imaginação simbólica, Durand visa a captação das estruturas do imaginário que são as "constantes da imaginação simbólica do "sapiens", isto é, invariantes ou universais do comportamento simbólico".<sup>20</sup>

Fundamentando-se na reflexologia da Escola de Lenigrado (confirmada posteriormente pelos estudos de Leroi-Gourham, Lupasco, Dumézil, Batiste, Thom, Apostel) Durand mostrará que as estruturas do imaginário são as seguintes:

1 - Estrutura esquizomorfa (heróica): fundamentada na dominante postural;

2 - Estrutura mística (antifrásica): fundamentada na dominante digestiva;

3 - Estrutura sintética (disseminatória): fundamentada na dominante copulativa.

Dado que “a tripartição das dominantes reflexas é funcionalmente reduzida pela psicanálise clássica a uma bipartição”,<sup>21</sup> - já que há um parentesco entre a dominante digestiva e a dominante copulativa, ambas aparecem ligadas na evolução genética da libido - nosso autor vai propor o agrupamento das estruturas do imaginário em dois regimes do simbolismo: Diurno e Noturno.

**Em As Estruturas Antropológicas do Imaginário,** Durand consagrará os dois primeiros livros à explicitação do universo simbólico humano dividido nesses 2 regimes.

Nesta obra, antes de explicitar o regime estritamente diurno da imaginação, Gilbert Durand vai abordar aquilo que poderíamos denominar de “universo da angústia”: “um isomorfismo contínuo liga toda uma série de imagens díspares à primeira vista, mas cuja constelação permite induzir um regime multiforme da angústia diante do tempo”,<sup>22</sup> que pode ser considerada a motivação profunda das produções imaginárias. O “universo da angústia” envolve imagens referentes à animalidade (teriomorfos), referentes às trevas (nictomorfos) e referentes ao abismo (catamorfos).

O Regime Diurno da imagem, segundo Durand, vai definir-se, de uma maneira geral, como o regime da antítese: “todo o sentido do Regime Diurno do imaginário é pensamento ‘contra’ as trevas, é pensamento contra o semantismo das trevas, da animalidade e da queda, ou seja, contra cronos, o tempo mortal.”<sup>23</sup> A angústia do devir e da morte é afrontada pelo Regime diurno com uma atitude distinguidora, personificada pela figura do herói que enfrenta o monstro, empunhando a espada.

O Regime Diurno, conforme as análises durandianas, caracteriza-se nitidamente por estruturas esquizomorfos, cujos traços são:

1 - Idealização e recuo autístico: estabelecendo o poder de autonomia e de abstração do meio ambiente;

- 2 - Geometrismo: busca de simetria e gigantização;
- 3 - Diaretismo (Spaltung): vontade obsessiva de distinção e análise;
- 4 - Antítese polêmica: dualismo exacerbado.

Já no Regime Noturno da imagem, diferentemente do que ocorre no Regime Diurno, há uma busca de captação das forças vitais do devir: "Diante das faces do tempo, desenha-se, assim, uma outra atitude imaginativa, consistindo em captar as forças vitais de devir, em exorcizar os ídolos mortíferos de Cronos, em transmutá-los em talismãs benéficos e, por fim, em incorporar na inelutável imovência do tempo as securizantes figuras de constantes, de ciclos que no próprio seio de devir parecem cumprir um desígnio eterno"<sup>24</sup> Conforme as próprias palavras de Durand, que acabamos de citar, o Regime Noturno vai exorcizar, sem ser pela antítese polêmica, a face terrificante do tempo através da inversão eufemizante e da busca do intemporal no seio mesmo da fluidez do tempo, agrupando, assim, duas grandes famílias de símbolos.

A primeira camada de símbolos que integra o Regime Noturno é constituída a partir da simples inversão do valor afetivo atribuído às faces do tempo, gravitando em torno dos gestos da descida e do acocoramento, concentrando-se nas imagens de mistérios e de intimidade, na procura do tesouro, do repouso e de alimentos terrestres. Essa primeira fase do Regime Noturno revela-nos algumas estruturas que Durand vai denominar de místicas:

- 1 - Redobramento e perseverança: tendência à repetição;
- 2 - Viscosidade do tema: dita um pensamento que não é constituído de distinção, mas de variações confusas sobre um único tema;
- 3 - Realismo sensorial: implica um apego ao aspecto concreto, colorido e íntimo das coisas (vivacidade das imagens);
- 4 - Minituarização (gulliverização) da representação: insistência na minúcia, na meticulosidade dos caracteres.

A segunda camada de símbolos do Regime Noturno vai caracterizar-se, conforme os estudos de nosso autor, por ser uma

constelação de símbolos que gravitam todos em torno do domínio do próprio tempo:

a) busca de um fator de constância no próprio seio do fluxo temporal (simbolismo cíclico do denário);

b) interesse pela função genética e progressista de devir (símbolos dialéticos e messiânicos representados pelo pau com rebentos do tarot). Essas duas categorias de símbolos pertencentes à segunda fase do Regime Noturno vão ter em comum “o serem mais ou menos, ‘histórias’, ‘narrativas’, cuja principal realidade é subjetiva e a que se costuma chamar de ‘mitos’”.<sup>25</sup> Elas vão revelar-nos quatro estruturas bem demarcadas, as estruturas sintéticas (disseminatórias):

1 - Coincidentia oppositorum e sistematização: harmonização de contrários e tendência às visões totalizadoras;

2 - Dialética dos antagonismos (Dramatização): a síntese aponta para uma coerência que protege as distinções, as oposições;

3 - Historização: descrição do passado visando anular a fatalidade da cronologia;

4 - Progressismo parcial (ciclo) ou total: presentificação do futuro com a finalidade de dominá-lo.

Embora o universo simbólico pareça, num primeiro momento, caos anômico, a análise durandiana - buscando estabelecer uma arquetipologia - foi capaz de perceber uma articulação interna, polarizações de imagens ao redor de esquemas dinâmicos e de arquétipos. Ligadas entre si, estas imagens vão formar constelações de símbolos coerentes, que convergindo em torno dos reflexos dominantes, delimitarão os dois regimes do imaginário, que nós acabamos de apresentar sumariamente.<sup>26</sup>

### 2.3 - As funções da imaginação simbólica

Conforme salientamos mais acima, o imaginário tem sua origem numa reação contra a angústia do devir e da morte: “(...) a imaginação simbólica é dinamicamente negação vital, negação do nada da morte e do tempo.”<sup>27</sup> Fundamentada na dualidade mesma do símbolo, na sua natureza dialética, a imaginação vai exercer o papel

de mediadora, estabelecendo um acordo entre tendências antagonistas. O pensamento simbólico, por conseguinte, segundo Durand, apresentará fundamentalmente a função de equilíbrio antropológico,<sup>28</sup> reestabelecimento da homeostase aos níveis vital, psicossocial, antropológico restrito e escatológico.<sup>29</sup>

A função de equilíbrio antropológico vai desdobrar-se, então, em quatro outras funções:

1 - Equilíbrio vital: esforço de melhorar a situação humana no mundo, através da eufemização imaginária da realidade e da morte;

2 - Equilíbrio psicossocial: a imagem desempenha o papel de fator dinâmico da reequilíbrio mental nos indivíduos e é fator de reequilíbrio sócio-histórico de uma determinada sociedade;

3 - Equilíbrio antropológico da espécie (equilíbrio humanista): possibilitar a compensação de nossa civilização tecnocrática através do acesso ao "pensamento selvagem";

4 - Equilíbrio escatológico: "Tanto o regime diurno como o noturno da imaginação reconduzem a uma infinita transcendência que se coloca como valor supremo."<sup>30</sup>

### 3 - A FANTÁSTICA TRANSCENDENTAL

No 3º livro da obra **Estruturas Antropológicas do Imaginário**, Durand, interrogando-se acerca do sentido geral do semantismo das imagens, esboça uma filosofia do imaginário, denominada, segundo ele mesmo, de fantástica transcendental.<sup>31</sup> Conforme salienta Garagalza, a proposta durandiana refere-se à aplicação do projeto transcendental kantiano à imaginação.<sup>32</sup>

Gilbert Durand - mostrando que a universalidade e atipicalidade dos grandes arquétipos não podem ser negadas, nem pela psicologia caracteriológica, nem pelas pressões históricas - vai sustentar a transcendentalidade do imaginário. Toda a criação humana é governada pela função fantástica, que está na raiz de todos os processos da consciência.<sup>33</sup>

A transcendentalidade da função fantástica vai fundamentar-se na existência de uma realidade idêntica e universal do imaginário, que constitui o “espaço fantástico”, verdadeira forma a priori de toda intuição de imagens.<sup>34</sup> Durand, baseando-se na imediatez insólita da imagem (que permite à imaginação manifestar-se sem harmonias temporais) e contrapondo-se ao kantismo que concede ao tempo a ‘condição de a priori de todos os fenômenos em geral’, vai conceber o espaço como “a forma a priori do poder eufêmico do pensamento, é o lugar das figurações uma vez que é o símbolo operatório do distanciamento dominado.”<sup>35</sup>

O espaço fantástico vai possuir as seguintes propriedades, de acordo com as análises de Gilbert Durand:

1 - Ocularidade: refere-se ao caráter topológico profundo de qualquer imagem, é a aptidão para transformar sensações e percepções em temas visuais;

2 - Profundidade: refere-se ao fato de que “todo espaço (pensado) comporta, em si mesmo, domínio da distância que, abstraída do tempo, espontânea e globalmente registrada, torna-se ‘dimensão’”<sup>35</sup>;

3 - Ubiquidade: “propriedade que a imagem tem de não ser afetada pela situação física ou geográfica: o lugar do símbolo é pleno”.<sup>36</sup>

A razão de ser da função fantástica, que ergue-se contra o destino mortal, é o Eufemismo. Durand visa, na última parte de seu estudo sobre a fantástica transcendental, detectar as categorias funcionais desse eufemismo. Ele vai considerar categorias (elementos que condicionam a priori a possibilidade da experiência) da fantástica as próprias estruturas da imaginação: elas dão ao espaço suas dimensões afetivas: elevação e dicotomia transcendente, inversão e profundidade íntima, poder de repetição.<sup>37</sup>

Cada estrutura do imaginário dita uma sintaxe e uma lógica. As estruturas esquizomorfos modelam as filosofias dualistas e a lógica da exclusão. As visões místicas do mundo e a lógica da denegação são ditadas pelas estruturas místicas. As estruturas sintéticas ditam, por fim, as filosofias da história e as lógicas dialéticas. Analisando esse trajeto de formalização do pensamento (onde o

semântico se endurece em semiológico), Durand enfatiza que o discurso se nos apresenta como o meio-termo entre a pura imagem e o sistema de coerência lógico-filosófico, constituindo um verdadeiro “esquematismo transcendental”. Esse esquematismo será “uma determinação a priori do antidesígnio, do eufemismo que vai colorir, no seu conjunto, todas as tentativas de formalização do pensamento”.<sup>38</sup> Será, enfim, a retórica que garantirá a passagem do semantismo dos símbolos ao formalismo da lógica, fundada no sentido próprio dos signos.

#### 4 - MITODOLOGIA: MITOCRÍTICA E MITANÁLISE

A arquetipologia geral construída por Durand, elaborando o universo do comportamento humano como comportamento simbólico, vai desembocar no mito. No Regime Noturno, em suas estruturas sintéticas, as imagens arquetipais ou simbólicas, por um dinamismo extrínseco, ligam-se umas às outras sob a forma de narrativa (mito). Durand usa o termo ‘mito’ numa acepção menos restrita do que a utilizada pelos etnólogos, podendo ser estendido como um sistema dinâmico de símbolos e arquétipos que tende a formar um relato. Assim concebido, o mito vai expandir-se em parábola, conto, fábula, relatos literários...<sup>39</sup>

Durand defende a natureza última do mito nos processos de integração explicativa. “El mito, disseminación diacrónica de secuencias dramáticas y de símbolos, sistema último, asintótico, de integración de los antagonismos, constituye el último discurso, y este último discurso expresa en definitiva ‘la guerra de los dioses’”.<sup>40</sup> A guerra dos deuses que o mito relata é vista por Durand como o enfrentamento de forças antagonistas que se encontram na raiz do Homo Sapiens. Em outras palavras, nosso autor, assumindo uma postura mitologista, vê o mito como um relato fundador que estabelece a tensão antagonista fundamental para qualquer desenvolvimento do sentido.

A partir destas reflexões sobre a primazia do mito, Durand procurou elaborar uma verdadeira mitodologia, cujo objetivo é decifrar amplas orientações míticas de momentos históricos e culturais

(mitanálise), bem como descobrir o mito que subjaz a toda obra de arte (mitocrítica).

O termo mitocrítica foi criado em 1970 para significar “el uso de un método de crítica literária o artística que centra el proceso comprensivo en el relato mitico inherente, eomo Wesensehau, a la significación de todo relatos”.<sup>41</sup> Como método de crítica literária, podemos caracterizar a mitocrítica como sendo uma síntese construtiva de diversas críticas literárias: crítica psicológica e psicanalítica (Baudoin, Mauron, etc); crítica existencialista (Doubrowsky); crítica estruturalista (Greimas, Jakobson, etc).

Concretamente, a mitocrítica pretende evidenciar, num autor ou obra de uma época, os mitos diretores e suas transformações significativas. Ela permite mostrar como um traço pessoal do autor influi na transformação da mitologia dominante, acentuando um ou outro mito diretor. Para que esse objetivo seja atingido, Durand propõe três passos metodológicos<sup>42</sup>, que apresentaremos resumidamente:

- 1 - Captar uma relação de temas obsessivos (redundantes) que formam a sincronicidade da obra;
- 2 - Examinar as situações dos personagens e decorados;
- 3 - Localização das várias interpretações do mito e as correlações entre uma interpretação de um mito com outros mitos de uma época determinada.

Extrapolando o âmbito do texto ou documento estudado para abarcar não só a situação existencial do autor, mas atingir as preocupações histórico-sociais, a mitocrítica vai exigir uma mitanálise do cunho mais sociológico.

O termo mitanálise vai definir, segundo Durand, um método de análise científico dos mitos com a finalidade de extrair deles não só um sentido psicológico, mas também um sentido sociológico.<sup>43</sup> Assim sendo, a mitanálise visa “delimitar los grandes mitos directores de los momentos históricos y de los tipos de grupos y relaciones sociales”<sup>44</sup> Em síntese, a partir da constatação da existência de um desnível antropológico entre instâncias míticas patentes e latentes, o procedimento metodológico da mitanálise consistirá em explicitar,

em determinada época, a presença de um mito dominante que tende a institucionalizar-se, detectando também a presença latente de contra-mitos.<sup>45</sup>

Para terminar, importa notar que, na obra **De la mitocrítica al mitoanálisis**, Durand demonstra magistralmente a operatividade metodológica de sua 'mitodologia'. No livro em questão, nosso autor oferece-nos uma coleção de estudos aplicatórios de seu método. As análises centram-se em torno de duas hipóteses principais que demonstram e, simultaneamente, precisam a metodologia durandiana:

1 - Continuidade entre o imaginário mítico e as disposições adotadas pelos relatos culturais modernos;

2 - O comportamento concreto dos homens, precisamente seu comportamento histórico, repetem timidamente os cenários e as situações dramáticas dos grandes mitos.<sup>47</sup>

## CONCLUSÃO

Nosso objetivo, ao longo deste texto, foi o de fazer uma apresentação resumida de como Durand concebe a imaginação simbólica, tendo como referencial a análise de algumas de suas obras. Após termos examinado o cruzamento de forças, as coordenadas intelectuais básicas que sustentam a obra durandiana, nos detemos mais na apresentação do aspecto taxinômico-tópico-morfológico presente na teoria de nosso autor. Por fim, esboçamos a metodologia (mitodologia) proposta por ele.

Como conclusão (conclusão aberta, ponto de partida para novas investigações), gostaríamos, em primeiro lugar, de deixar indicada a presença, na obra durandiana, de um aspecto morfogenético-topológico-energético.

Para nosso autor, os universais do comportamento simbólico (detectados pela arquetipologia geral, interpretados filosoficamente na fantástica transcendental) vão ser, também, universais de socialidade e grupalidade. Assim sendo, Durand procura,

continuando suas investigações, amplificar a hermenêutica simbólica na direção de uma mitanálise grupal/organizacional/institucional, elaborando uma 'sociologia profunda'.

Embora não seja o nosso propósito inicial, queremos encerrar nosso trabalho apontando, sem entrar no mérito de cada um, alguns posicionamentos críticos que explicitam lacunas do pensamento durandiano:

1 - Garagalza salienta que o fundo gnóstico (sustentáculo da hermenêutica de G. Durand) mediante a existência de uma propensão ascensional (pela via iluminativa) no pensamento de nosso autor, pode levar a um desligamento absoluto do mundo e da história;<sup>48</sup>

2 - Denis D. Badia faz referência, em sua tese de mestrado, ao "affaire Burgos". Segundo ele, o prof. Burgos opõe o antropólogo do imaginário ao "poéticien" do imaginário. Burgos sustenta que Durand elabora uma tipologia do imaginário que apresenta um caráter estático e de modelização, em oposição à intencionalidade do "poéticien";<sup>49</sup>

3 - De acordo com o que encontramos na introdução do **Dicionário de Símbolos** de J. Chevalier e de A. Cheerbrant, Gilbert Durand, ao distinguir os dois regimes (diurno e noturno) de funcionamento do simbolismo, não permanece fiel à sua classificação tripartida do imaginário, fundada nas descobertas da reflexologia.

Indubitavelmente, o campo de investigação aberto pelas contribuições durandianas é bastante amplo e atraente, questionando a nossa cultura ocidental (e sua filosofia) marcadamente diurna e racionalista.

## NOTAS

1. Gilbert DURAND, **A imaginação simbólica**, p. 19.
2. *Ibidem*, p. 12
3. *Ibidem*, p. 15
4. Cf. *Ibidem*, Cap I
5. *Ibidem*, p. 41
6. Citação feita por Luis GARAGALZA, **La interpretación de los símbolos**, p. 23

7. Gilbert DURAND, op. cit., p. 74
8. Luis GARAGALZA, op. cit., p. 24
9. Ibidem, p. 43
10. Gilbert DURAND, **De la mitocrítica al mitoanálisis**, Cap. II
11. Ibidem, p. 78
12. Cf. Gilbert DURAND. **Estruturas antropológicas do imaginário**. pp. 18-22
13. Gilbert DURAND, **Estruturas antropológicas do imaginário**, p. 24
14. Ibidem, p. 23
15. Cf. referência 6
16. Gilbert DURAND. **Estruturas antropológicas do imaginário**. p. 29
17. Ibidem, p. 29
18. Cf. Idem
19. Ibidem, p. 44
20. JC. de Paula CARVALHO, **Antropologia das organizações e educação**, p. 143
21. Gilbert DURAND, **Estruturas antropológicas do imaginário**, p. 41
22. Ibidem, p. 85
23. Ibidem, p. 130
24. Ibidem, p. 135
25. Ibidem, p. 194
26. Cf. Luis GARAGALZA, op. cit., p. 73
27. Gilbert DURAND. **A imaginação simbólica**, p. 99
28. Cf. Ibidem, p. 100
29. Cf. JC. de Paula CARVALHO, op. cit., p. 144
30. Gilbert DURAND, **A imaginação simbólica**, p. 108
31. Cf. Idem, **Estruturas antropológicas do imaginário**, p. 260
32. Cf. Luis GARAGALZA, op. cit., p. 26
33. Cf. G. DURAND, **Estruturas antropológicas do imaginário**, p. 272
34. Cf. L. GARAGALZA, op. cit., p. 26
35. Cf. G. DURAND, **Estruturas antropológicas do imaginário**, p. 281
36. Idem
37. Cf. Ibidem, p. 283
38. Ibidem, p. 284
39. Cf. Ibidem, p. 243
40. Gilbert DURAND, **De la mitocrítica al mitoanálisis**, pp. 30-31
41. Ibidem, p. 341
42. Cf. Ibidem, p. 343
43. Cf. Ibidem, p. 347
44. Ibidem, p. 350
45. Cf. ibidem, pp. 352-353
46. Luis GARAGALZA, op. cit., p. 105
47. Gilbert DURAND, **De la mitocrítica al mitoanálisis**, pp. 11-12
48. Cf. L. GARAGALZA, op. cit., p. 120
49. Cf. Denis BADIA, **Imaginário e Ação Cultural**, pp. 19-20
50. Cf. CHEVALIER e A. GHEERBRANT, **Dicionário de Símbolos**, pp. XXXIII-XXXIV (introdução)

**BIBLIOGRAFIA**

- BADIA, Denis. **Imaginário e Ação Cultural**, tese de mestrado, USP, 1994 (mimeografada).
- CARVALHO, J. C. de Paula. **Antropologia das Organizações e Educação: um ensaio holonômico**. Rio de Janeiro. Imago. 1990
- CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1993
- DURAND, Gilbert. **Estruturas Antropológicas do Imaginário**. Lisboa, Editorial Presença, 1989
- \_\_\_\_\_ **A Imaginação Simbólica**. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1988
- \_\_\_\_\_ **De la mitocrítica al mitoanálisis**. Barcelona, Anthropos, 1993
- \_\_\_\_\_ **Mito e Sociedade**. Lisboa, A regra do jogo, 1993
- GARAGALZA, L. **La interpretación de los símbolos**. Barcelona, Anthropos, 1990